

## O DIABO

Eu, porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher, para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela.

Portanto, se o teu olho direito se escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois que é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno.

E, se a tua mão direita se escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que seja o teu corpo lançado no inferno.

*S. Mateus, 5:28,29,30*

### 1

Evguéni Irténev tinha uma brilhante carreira pela frente. Possuía todas as condições para tal. Excelente educação em casa, brilhante fim de curso na Faculdade de Direito da Universidade de Petersburgo, relações, herdadas do pai recém-falecido, com a mais alta sociedade e, inclusivamente, um início de prestação de serviço público no Ministério, sob a protecção do próprio ministro. Tinha também fortuna, grande, embora duvidosa: o pai vivera no estrangeiro e, em Petersburgo, dava aos seis mil rublos a cada filho — a Evguéni e a Andrei, o mais velho, que servia na cavalaria da guarda imperial —, e os próprios pais gastavam sempre muito dinheiro. No Verão, e apenas no Verão, o pai ia viver dois meses na herdade, mas não tratava dela, confiando tudo ao administrador

empanzinado que também não cuidava de nada mas desfrutava da inteira confiança do senhor.

Depois da morte do pai, no momento das partilhas, os irmãos descobriram que, afinal, as dívidas eram tantas que o seu procurador lhes chegou a aconselhar que recusassem receber a herança e ficassem apenas com a herdade da avó, avaliada em cem mil rublos. Porém, o dono da herdade vizinha, que tivera alguns negócios com o velho Irténev — ou seja, estava na posse de uma letra assinada por este, razão pela qual se deslocou a Petersburgo —, opinou que, apesar das dívidas, era possível recompor as coisas e salvar a grande fortuna. Bastava para isso vender a floresta e alguns baldios, mas manter a mina de ouro — a herdade Semiónovskoe e as suas dezasseis mil jeiras de terras negras, uma fábrica de açúcar e oitocentas jeiras de lezírias —, com a condição de Evguéni Irténev se instalar na aldeia e se dedicar à lavoura com cabeça e ponderação rigorosa.

Assim, na Primavera (o pai morrera na Quaresma), Evguéni, depois de ir à herdade e ter feito uma vistoria a tudo, decidiu apresentar a demissão no Ministério, instalar-se com a mãe na aldeia e dedicar-se à administração da propriedade para salvar a herdade principal. No respeitante ao irmão, com quem não mantinha relações de grande amizade, Evguéni combinou o seguinte: pagar-lhe-ia quatro mil rublos por ano, ou oitenta mil de uma vez, se desistisse da parte da herança a que tinha direito.

Isso foi feito e Evguéni Irténev, instalando-se com a mãe na casa grande, deitou mãos à obra com ardor, sim, mas também com muitas cautelas.

É comum a ideia de que os velhos são os conservadores típicos e os jovens são os inovadores. Não é bem assim. Os conservadores mais típicos são os jovens, os que querem viver mas não pensam nem têm tempo para pensar como viver e que, por isso, optam pelo modelo de vida já existente.

Assim aconteceu com Evguéni. Na aldeia, o seu ideal, o seu sonho consistiam em recuperar uma forma de vida que, de resto, não era a vigente no tempo do pai — o pai era um proprietário desleixado —, mas no tempo do seu avô. Tentava então — na casa, nos pomares, nas hortas, no campo (com as modificações próprias da época, evidentemente) — fazer renascer o espírito geral da vida do avô, e tudo à grande: prosperidade para todos, ordem e boa gerência da economia; ora, para construir uma vida assim era necessário trabalhar muito: satisfazer os credores e os bancos sendo para isso necessário vender terras e adiar pagamentos, e também arranjar dinheiro para manter de pé a enorme herdade de Semiónovskoe com as suas dezasseis mil jeiras de lavradio e a fábrica de

açúcar; era também preciso providenciar para que no solar e no jardim nada se parecesse com o abandono e a degradação.

O trabalho era muito, mas Evguéni também era dotado de muitas forças — físicas e morais. Tinha vinte e seis anos, estatura meã, complexão robusta, músculos desenvolvidos pela ginástica, era do tipo sanguíneo, de bochechas rosadas, dentes e olhos brilhantes, e cabelo não muito espesso, macio e ondulado. O único senão físico de Evguéni era a mioopia, que ele próprio agravou com o uso de óculos, e já não dispensava a luneta que começava a sulcar-lhe a saliência do nariz adunco. Assim era ele fisicamente; ora, quanto à faceta moral, basta dizer que quanto mais as pessoas o conheciam mais gostavam dele. A mãe sempre o preferira a todos os outros e, depois da morte do marido, Evguéni não só preenchia toda a sua ternura como concentrava toda a sua vida. Não só a mãe gostava muito dele, também os colegas do liceu e da universidade o apreciavam muito e, além disso, o respeitavam. Nos estranhos despertava a mesma simpatia. Olhando para os olhos abertos e honestos de Evguéni, era impensável desconfiar-se do que ele dizia, era impossível suspeitar que houvesse nele a mínima falsidade ou mentira.

De uma maneira geral, esta sua personalidade ajudava-o muito em todos os negócios. Os credores, por mais exigentes e rigorosos que fossem para com os outros, para com ele eram confiantes e cediam. O encarregado, o regedor da aldeia, o mujique que aldrabariam e fariam sujeira com outro qualquer, com ele esqueciam-se de aldrabar, tal era a impressão que aquele homem bondoso, simples e sobretudo aberto lhes causava.

Estava-se no final de Maio. Evguéni conseguira finalmente libertar um baldio da hipoteca e vendê-lo a um comerciante, ao mesmo tempo que arranjava um empréstimo desse mesmo comerciante para comprar cavalos, bois, carroças, etc., e, acima de tudo, para dar início à construção da granja que se tornara indispensável. As coisas começaram a andar. Acarretava-se a madeira, os carpinteiros já trabalhavam, oitenta carroças transportavam o estrume; porém, estava tudo ainda muito incerto.

## 2

No meio de tantas preocupações havia uma circunstância, aparentemente menos importante, que atormentava muito Evguéni. Na sua juventude, vivia como todos os outros homens solteiros, jovens e saudáveis, ou seja, mantinha relações com mulheres de vários tipos. Não era

um depravado mas também não era um monge, como dizia de si mesmo. E apenas se entregava a essas coisas na medida das suas necessidades — a física, para bem da saúde, e a da liberdade intelectual —, como ele dizia. Começou aos dezasseis anos e, até ao presente momento, tudo corria bem. Corria bem no sentido em que não caíra na libertinagem, não se deixara arrebatar por qualquer paixão, e não apanhara nenhuma doença. Em Petersburgo, a primeira que teve foi uma modista e, como a modista se depravasse, Evguéni arranhou outra mulher. Organizava tão bem esta faceta da sua vida que não sentia embaraço de espécie alguma.

Agora, ao segundo mês de vida na aldeia, não sabe o que fazer. A continência forçada começa a provocar-lhe um efeito nocivo. Deveria ir à cidadezinha tratar disso? Mas onde? E como? Era esta a única fonte de inquietação de Evguéni Irténev. E, convicto de que aquilo era uma necessidade e de que tinha de a satisfazer, começou efectivamente a sofrê-lo como necessidade, e também a não se sentir livre, indo ao ponto de, involuntariamente, acompanhar com os olhos cada mulher jovem que passava.

Achava mal meter-se com uma rapariga ou uma mulher da aldeia. Sabia, pelo que lhe contavam, que o pai e o avô se distinguiam neste particular dos outros senhores rurais daquela época e, em casa, nunca tinham relações com as servas; decidiu que também não o faria. Mas, sentindo-se cada vez mais tenso, e imaginando com terror o que poderia acontecer-lhe na vila, e levando em linha de conta que as mulheres já não eram servas, encarou a ideia de que poderia desenvencilhar-se na aldeia. Apenas tinha de arranjar maneira de ninguém saber e de fazer com que as coisas se passassem sem depravação, tão-só para bem da saúde — assim dizia a si próprio. Ora, tomada esta decisão, ficou ainda mais inquieto; quando falava com o regedor, com os mujiques, com o carpinteiro, desviava involuntariamente a conversa para o tema das mulheres; e, caso se falasse de mulheres, fazia por manter este tema de conversa. E observava, cada vez mais, as mulheres.

### 3

Porém, tomar uma decisão é uma coisa, realizá-la é outra. Abordar directamente uma mulher era impossível. Que mulher? Onde? Impunha-se um intermediário, mas quem?

Um dia entrou em casa do guarda-florestal, antigo couteiro do seu pai. Evguéni Irténev começou a conversar com ele, vieram à baila histórias

de antigas pândegas de caça. Passou então pela cabeça de Evguéni que não seria má ideia fazer o arranjinho na casa do guarda ou na floresta. Só não sabia se o velho Danila se encarregaria disso. «Talvez fique horrorizado quando eu lhe falar nisso, e então será uma vergonha para mim; ou talvez não, talvez aceite facilmente.» Evguéni ouvia as histórias de Danila e era só nisso que pensava. Danila estava a contar como, um dia, tinham ficado alojados em casa da mulher do salmista, no meio do couto, e como ele próprio arranjava mulher para o senhor Prianítchnikov.

«Posso», pensou Evguéni.

— O seu paizinho, que descanse em paz, não cometia asneiras dessas, graças a Deus.

«Não posso», repensou Evguéni mas, para sondar o terreno, disse:

— Mas tu, porque te prestavas a essas coisas feias?

— Feias porquê? A mulher ficava contente, e o senhor contentíssimo. E, para mim, um rublo. Ele também tinha as suas necessidades, não? Não é um corpo vivo? Bebe vinho...

«Sim, posso falar», concluiu Evguéni, e disse logo a seguir:

— Ouve — e sentiu-se a corar como uma papoila —, ouve, Danila, já não aguento.

Danila sorriu.

— Não sou monge nenhum, estou habituado.

Sentia que tudo o que lhe saía da boca era estupidez, mas estava contente por ver que Danila o aprovava.

— Tudo bem, o senhor já podia ter dito. Sim, é possível — assentiu Danila. — Diga só qual delas.

— Uma qualquer, francamente. Mas que não seja muito feia, é claro, e que não tenha doenças.

— Entendo! — cortou Danila, e ficou a pensar. — Oh, sim, há uma coisinha linda — adiantou. Evguéni voltou a corar. — Uma coisinha linda. Acontece que a casaram no Outono — Danila passou a sussurrar —, mas o marido... não pode. Ora, para quem goste, isso vale muito.

Evguéni até franziu a cara de vergonha.

— Não, não — objectou. — Não é isso que eu quero. Pelo contrário (o que podia ser o contrário?), pelo contrário, quero apenas que seja saudável e que não haja problemas... uma mulher de soldado, ou então...

— Já sei. Quer isso dizer que tenho de falar à Stepanida. O marido está na cidade, então é como se fosse mulher de soldado. É uma mulherzinha boa, limpa. O senhor vai gostar. Aliás, ainda há pouco lhe disse: anda lá... E ela...